## Walter Benjamin



Rua Sylvio Rebelo, nº 15 1000 Lisboa — Tel. 8470775

Autor: Walter Benjamin

Título: Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política

Tradução de Maria Luz Moita:

A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica (Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit — 1936-39)

O Autor enquanto Produtor (Der Autor als Produzent —1934)

Pequena História da Fotografia (Kleine Geschichte der

Photographie — 1931)

Sobre a Linguagem em Geral e sobre a Linguagem Humana (Über Sprache überhaupt und die Sprache des Menschen — 1916)

*Tradução de* Maria Amélia Cruz: O Narrador (Der Erzähler — 1936)

Teoria das Semelhanças (Lehre vom Ähnlichen — 1933)

O Brinquedo e o Jogo (Spielzeug und Spielen — 1928)

Tradução de Manuel Alberto:

Teses sobre a Filosofia da História (Über den Begriff

der Geschichte — 1940)

Problemas da Sociologia da Linguagem (Zeitschrift für

Sozialforschung — 1935)

Capa: Fernando Mateus

© Relógio D'Água Editores, 1992

Composição: Relógio D'Água

Impressão: Arco-Íris, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº: 53 514/92

Nota: Traduções feitas a partir da edição da Suhrkamp Verlag, 1980

## Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política

Traduções de Maria Luz Moita Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto Prefácio de T.W. Adorno

Antropos

## PROBLEMAS DA SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM

Quando se aborda a sociologia da linguagem como um domínio-fronteira, consideramos inicialmente apenas uma região comum às ciências invocadas por um tal termo, a linguística e a sociologia. Mas se analisarmos o problema de mais perto, constatamos que ele se relaciona com uma série de outras disciplinas. Para não referir aqui senão os problemas que em última análise ocuparam os investigadores de modo particular, e que são por isso objecto do presente estudo, a influência da comunidade linguística sob a linguagem dos indivíduos pertence, como problema central, à psicologia da infância; como a seguir veremos, sem os materiais fornecidos pela psicologia animal é impossível avançar na questão sempre inacabada das relações entre a linguagem e o pensamento; foi a etnologia que forneceu materiais para as recentes discussões sobre a linguagem da mão e a linguagem dos sons; e finalmente, com a teoria da afasia da qual já Bergson havia tentado retirar conclusões de grande alcance, a psicopatologia esclareceu questões que são importantes para a sociologia da linguagem.

Do modo mais natural e mais evidente também os problemas cardiais da linguística, tal como os da sociologia, convergem numa interrogação sobre a origem da linguagem. E, sem prejuízo das múltiplas reservas metodológicas que contra elas se puderam avançar, a verdade é que muitas das principais inves-

tigações nesta área, convergem numa tal posição. O menos que se pode dizer é que esta problemática se revelou o ponto de fuga para a qual se dirigem, por si mesmas, as mais diversas teorias. Antes de mais uma palavra sobre as reservas. Nós fomos buscá-las ao livro exemplar de Henri Delacroix, A Linguagem e o Pensamento, espécie de enciclopédia da sociologia geral da linguagem: «É conhecida a obscuridade das origens. [...] A história da linguagem não remonta até às origens, pois a linguagem é condição da história. A linguística acaba por tratar sempre apenas de línguas muito evoluídas, que têm atrás de si um considerável passado, de que nada sabemos. A origem da linguagem não se confunde com a origem das línguas. As mais antigas línguas conhecidas, as línguas "mães" nada têm de primitivo. Elas apenas nos esclarecem sobre as transformações que a linguagem sofreu; nada nos dizem sobre o modo como ela foi criada. [...]

A única base de que podemos partir é a análise das condições de possibilidade da linguagem, das leis de evolução das línguas, das observações sobre o desenvolvimento da linguagem. [...] É pois necessário transferir o problema.»<sup>1</sup>

A estas prudentes observações o autor acrescenta um breve resumo das construções com as quais os investigadores tentaram, desde sempre, ultrapassar a lacuna do não conhecido. Apesar do seu carácter primitivo, e que desde há muito a expôs à crítica científica, a mais popular dessas construções dá-nos acesso às questões centrais que nesta matéria temos de colocar:

Segundo Herder, «o homem inventou uma linguagem a partir de sons retirados da natureza viva». Neste aspecto Herder limita-se a retomar as teorias do século XVII, época de que foi o primeiro a pressentir a importância histórica e cujas especulações sobre a língua original e sobre a origem de todas as lín-

guas foram estudadas numa notável obra de Hankamer<sup>1</sup>. Basta dar uma vista de olhos por Gryphius e os outros silesianos Harsdoerffer, Rist e os seus discípulos de Nuremberga, para constatar o impacte que nessa época teve o aspecto puramente fonético da linguagem. De resto, desde então, a teoria onomatopaica da origem da linguagem foi sempre a mais evidente para toda a reflexão menos crítica. Em contrapartida, a crítica científica dedicou-se a circunscrever de modo essencial a importância do facto onomatopaico, sem ter conseguido de modo algum dizer a última palavra sobre o problema da origem da linguagem em geral.

Karl Bühler consagrou recentemente um estudo especial a esta questão. Lembrando que para Herder e alguns outros investigadores a linguagem servia outrora para representar², Bühler tomou esta afirmação como objecto do seu trabalho e esforçou-se por destacar as circunstâncias que colocaram um sólido ferrolho às modificações ocasionais das línguas ao nível onomatopeico. A demonstração de Bühler mantém-se essencialmente de carácter sistemático, apesar de remeter de passagem para factos da história linguística e retomar a afirmação de Lazarus Geiger, de acordo com a qual a linguagem não pode ser levada «a não ser em grupos muito tardios a uma certa tendência para se aproximar dos objectos através da sua descrição»³. Ele não pensa em negar as possibilidades onomatopeicas da voz humana. Pelo contrário sublinha-as o mais possível, mas em última análise a lista dessas possibilidades surge-lhe

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Le langage et la pensée. Paris 1930, p. 128-129.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Paul Hankamer, Die Sprache, ihr Begriff, ihre Deutung im sechzehnten und siebzehnten Jahrundert («A Linguagem, as suas Origens e Interpretação nos Séculos XVI e XVII») Bona, 1924.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Karl Bühler, «L'onomatopée et la fonction du langage» (in *Psychologie du langage*, Paris 1933, p. 103); cf. também *Sprachtheorie* («Teoria da Linguagem»), Iena 1934, p. 195-216.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Lazarus Geiger, Ursprung und Entwicklung der menschlichen Sprache und Vernunft («Origem e Desenvolvimento da Linguagem e da Razão no Homem»), Estugarda 1868, Tomo I, pag. 168.

como uma lista de «ocasiões perdidas». A acreditar nele, a actividade onomatopeica da linguagem histórica está excluída de qualquer acção incidindo na totalidade da palavra, podendo apenas manifestar-se em alguns espaços no interior da palavra. É o que acontece hoje, diz ele, e aquilo que sempre sucedeu: «Coloquemos à esquerda a via que conduz à dominação do princípio onomatopeico, e à direita a que conduz à representação simbólica. Ninguém contesta que em todas as línguas conhecidas, mesmo na dos actuais pigmeus, os elementos onomatopeicos são apenas tolerados. É pois completamente inverosímil que se tenha seguido durante algum tempo a via da esquerda para depois mudar de direcção, e isso de tal modo que — como o testemunho de todas as línguas conhecidas levaria a que se admitisse — os traços da primeira tendência fossem completamente apagados.»<sup>1</sup>

Bühler adopta aqui o ponto de vista que Collet exprimiu numa imagem sugestiva: «As onomatopeias não explicam nenhuma linguagem; quando muito indicam a sensibilidade, o modo de ser de uma raça ou de um povo [...] fazem parte de um idioma organizado do mesmo modo que fazem parte de uma árvore as lanternas venezianas e as serpentinas colocadas nos seus ramos em dia de festa pública.»<sup>2</sup>

Mais estimulantes que as cautelosas reflexões de Bühler, as pesquisas de Lévy-Brùhl sobre a mentalidade primitiva, introduziram no debate científico algumas variantes na teoria onomatopeica. Ele sublinhou o carácter drástico da linguagem primitiva, as suas afinidades com o desenho (falaremos mais tarde das origens desta afinidade): «A necessidade de descrever pode procurar a sua satisfação através daquilo a que os exploradores alemães chamam os *Lautbilder*, quer dizer, uma espécie de desenhos ou de reproduções daquilo que se pretende ex-

primir, obtidos por meio da voz. Nas tribos Ewe, diz M. Westermann, a língua é extraordinariamente rica em meios de transmitir imediatamente através de sons uma impressão recebida. Esta riqueza provém de uma tendência quase irresistível para imitar tudo aquilo que se ouve, tudo aquilo que se vê e geralmente tudo aquilo que se percebe [...], a começar pelos movimentos. Mas há também essas imitações ou reproduções vocais, esses *Lautbilder*, para os sons, os cheiros, os gostos, as impressões tácteis [...]. Não são onomatopeias no sentido exacto do termo, são antes gestos vocais descritivos.»<sup>1</sup>

Numa tal perspectiva, só a concepção das linguagens primitivas como gestos vocais descritivos permitiria compreender as qualidades mágicas que o autor atribuía aos sentidos dos primitivos, e cuja descrição constitui o centro da sua teoria.

Estas opiniões espalharam-se muito para além das fronteiras francesas e encontramos também traços delas na Alemanha. Basta-nos evocar aqui a filosofia da linguagem de Ernst Cassirer<sup>2</sup>. A influência de Lévy-Bruhl é inegável na sua tentativa para ligar os conceitos linguísticos primitivos mais com conceitos míticos do que com os conceitos lógicos:

«O que distingue, escreve ele, os conceitos míticos e linguísticos, dos conceitos lógicos, o que permite fazer deles géneros autónomos, é antes do mais, tanto num caso como noutro, detectarmos uma única e mesma orientação da compreensão mental, orientação contrária ao do nosso pensamento teórico. [...] Em vez de um alargamento da intuição, o que aqui domina é, pelo contrário, a sua extrema restrição; em vez da extensão adquirida pouco a pouco através dos círculos sempre novos do ser, a tendência à concentração; em vez do seu alargamento extensivo, a sua intensiva contracção. A reunião de

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Bühler, L'Onomatopée, p. 114.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Charles Collet, Le Mystère du Langage, Paris 1929, p. 115.

<sup>1</sup> Lucien Lévy-Bruhl, Les Fonctions mentales dans les sociétés inférieures, Paris 1918, p. 183 sq.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Ernst Cassirer, *Philosophe der symbolischen Formen* («Filosofia das Formas Simbólicas») 3 vol. Berlim 1923-1929.

todas as forças num único ponto é condição primeira de todo o pensamento mítico e de todas as figuras míticas<sup>1</sup>.

Baseando-se nesta mesma concentração Lévy-Bruhl atribuía às línguas dos primitivos uma particular tendência para o concreto: «Tudo era representado por imagens-conceitos; [...] resulta daí que o vocabulário destas línguas «primitivas» deve ser de uma riqueza de que os nossos apenas nos dão uma pálida ideia.»<sup>2</sup>

Foram esses complexos, em que se enraíza a linguagem mágica dos primitivos, que despertaram também o interesse de Cassirer: «Definiu-se, escreve ele, a concepção mítica como "complexa" de modo a distingui-la através desse sinal característico, da nossa maneira analítico-teórica de considerar as coisas. Preuss que inventou uma tal expressão, alude nomeadamente ao facto de, na mitologia dos coríndios, [...] as intuições do céu nocturno e do céu diurno, como um todo, terem necessariamente precedido a do Sol, da Lua e dos planetas.»<sup>3</sup>

Caminhando mais longe na mesma direcção, Lévy-Bruhl declara que no mundo dos primitivos «não existe percepção que não seja envolta num complexo místico, nem fenómeno que seja apenas um fenómeno, nem sinal que seja só um sinal. Como é que uma palavra poderia ser apenas uma palavra? Qualquer forma de um objecto, toda e qualquer imagem plástica, qualquer desenho possui virtudes místicas; a expressão verbal, que é um desenho oral, não pode pois deixar de a possuir. E este poder não pertence apenas aos nomes próprios mas a todos os termos, quaisquer que eles sejam.»<sup>4</sup>

Na contestação às teses de Lévy-Bruhl, poderíamos escolher dois pontos de partida. Contra a distinção que ele pretende es-

tabelecer entre mentalidade superior e mentalidade primitiva, poderíamos submeter à crítica o conceito ultrapassado de mentalidade superior que tem traços de conceito positivista. Mas poderíamos igualmente pôr em questão os caracteres particulares que ele atribui à mentalidade primitiva. Na sua Psicologia e Cultura Primitiva, Bartlett escolheu a primeira via1; na sua Razão Primitiva, Leroy optou pela segunda. Desde logo o seu livro teve o interesse de praticar o método indutivo com a maior precisão, sem contudo fazer seu esse modo positivista de pensar que fornece a Lévy-Bruhl o critério mais evidente para julgar os fenómenos. A sua crítica incide antes do mais sobre as oscilações que aparecem no decurso da investigação etnológica no que diz respeito à definição dos equivalentes linguísticos de uma mentalidade "primitiva": «Ainda não há muito a palavra "primitivo" evocava a silhueta e os hábitos de um vago pitecantropo, mais ocupado com os alimentos do que com "cerimónias místicas". A este selvagem, cuja língua devia estar próxima das onomatopeias do macaco da Índia, atribuíam-se apenas meios de expressão limitados e via-se nesta pretensa indigência do seu vocabulário uma das características do espírito "primitivo".

«Hoje sabemos que as línguas dos não civilizados são tão ricas pela abundância de vocábulos como pela variedade das formas; e é esta riqueza que, por sua vez, se tornou o sinal e como que o defeito do estado "primitivo".»<sup>2</sup>

Além disso, neste contexto da teoria da linguagem, trata-se menos para Leroy de criticar os factos relatados por Lévy-Bruhl do que a interpretação dada por esse autor. É assim que a propósito da tentativa de atribuir a uma mentalidade primitiva a responsabilidade do carácter concreto tão sugestiva na linguagem primitiva, Leroy escreve: «Se o lapão tem termos especiais para designar uma rena de um, dois, três, quatro, cinco, seis,

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Ernst Cassirer, Sprache und Mhythos («Linguagem e Mito») Leipzig 1929, p. 28-29.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Lucien Lévy-Bruhl, op. cit., p. 192.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Ernst Cassirer, op. cit., p. 10-12.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Lucien Lévy-Bruhl, op. cit., p. 199.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> F. C. Bartlett, Psychology and Primitive Culture, Cambridge, 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Olivier Leroy, La Raison primitive, Paris, 1927, p. 94.

sete anos, se possui vinte termos para o gelo, onze para o frio e quarenta e um para as diversas espécies de neve, vinte e seis verbos para exprimir o gelo e o degelo, uma tal variedade não é o resultado do esforço voluntário, mas da necessidade vital de forjar uma aparelhagem verbal adaptada às necessidades de uma civilização árctica. É porque, realmente, uma neve dura, friável ou que se derrete, são fenómenos realmente distintos para a sua actividade, que o lapão as distingue na sua linguagem.»<sup>1</sup>

Leroy não se cansa de sublinhar o carácter contestável de uma comparação entre simples costumes, modos de representação, ritos e, por outro lado, aquilo que lhes corresponde nos povos civilizados; insiste sobre a necessidade de investigar as relações particulares da estrutura económica, do ambiente, da situação social, no âmbito das quais muitos aspectos que à primeira vista parecem opor-se a uma conduta racional, se revelam conformes aos seus fins. Insistência tanto mais justificada quanto o esforço para descobrir, desde o início, em fenómenos linguísticos muito divergentes, os sintomas de um comportamento pré-lógico encerra o risco de ocultar ao investigador condutas mais simples mas não menos significativas. Leroy cita a este respeito, contra Lévy-Bruhl, aquilo que Bally2 diz da linguagem particular usada pelas mulheres cafres entre si; poderá ele estar seguro de que tal caso seja muito diferente do de um meirinho francês que, em sua casa, fala como toda a gente, mas que, para redigir um processo verbal, recorre a uma algaraviada incompreensível para muitos dos seus compatriotas?

A importante obra de Leroy é puramente crítica. Como já foi referido, a sua contestação visa, em última análise, o positivismo de que o «misticismo sociológico» da escola durkhei-

<sup>1</sup> Ibid., p. 100.

miana lhe parece apenas a inevitável consequência. Esta atitude é particularmente nítida no capítulo sobre a «feitiçaria»; à interpretação psicológica de certas representações mágicas nos primitivos, Leroy opõe uma reflexão tão simples como surpreendente. Reclama garantias sobre o grau de realidade ou de evidência que possuem, para a comunidade que acredita nos feiticeiros, os objectos dessa crença. Para esta comunidade mas talvez não apenas para ela. O autor invoca o testemunho de certos europeus sobre algumas realidade mágicas. Com razão ele considera-o aqui concludente. Pois mesmo se esses testemunhos se baseiam em percepções deformadas, ou modificadas pela sugestão, nem por isso o condicionamento primitivo de uma tal crença deixa de ser refutado. Por isso, e ainda que Leroy esteja muito longe de esboçar uma teoria pessoal, a verdade é que em mais de uma passagem é evidente o seu esforço para conservar, antes de mais, os factos etnográficos abertos a qualquer interpretação, incluindo a interpretação romântica, que teve a preferência de certos teólogos, e segundo a qual os pretensos «primitivos» são apenas uma espécie decadente do ser humano original considerado como perfeito ou — para falar com maior prudência — um descendente desviado de épocas de alta civilização. Não se pode, contudo, admitir que com a crítica acerada e muitas vezes fundada de Leroy as doutrinas de Lévy-Bruhl tenham desaparecido, sem deixar vestígios, das cenas dos debates. A sociologia não pode, metodologicamente falando, separar-se de nenhum dos seus objectos; em cada um deles estão interessadas uma série de disciplinas. E sobre aquele de que falamos acima, e que diz respeito à magia verbal, a psicopatologia está longe de ser uma das menos interessadas. E, na realidade, é inegável que a concepção de Lévy-Bruhl — e daí resulta a grande consideração de que ela desfrutou — está muito estreitamente ligada às problemáticas científicas deste domínio. A doutrina da magia verbal não pode separar-se do seu princípio geral segundo o qual os primitivos não teriam

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Charles Bally, Le Langage et la vie, Paris 1926, p. 90.

mais do que uma consciência limitada da identidade. Ora, de qualquer modo que se explique este facto, as psicoses apresentam muitas vezes limitações da consciência da identidade. Quando Lévy-Bruhl fala de uma cerimónia na qual os membros de uma mesma tribo sacrificam ao mesmo tempo uma mesma ave — uma ave que é expressamente definida como a mesma em diversos locais — há nisso uma espécie de convicção que não se encontra, em estado isolado, nem no sonho nem na psicose. Para estes homens, entre dois objectos ou situações diferentes, a identidade é possível — não a igualdade ou a semelhança. Tal afirmação deve naturalmente incluir uma reserva. Como a psicose exige de nós uma explicação psicológica, a mentalidade primitiva não exigirá também (e simultaneamente talvez também a psicose) uma explicação histórica? Lévy-Bruhl não a tentou de modo nenhum. E mais ainda que a sua confrontação entre esta atitude de espírito primitivo e uma atitude de espírito histórico, a que Leroy recusa legitimidade, o que poderia surgir como contestável em Lévy-Bruhl é a ausência de mediação entre ambos. Opior serviço que lhe prestou a escola de Frazer foi de lhe ter fechado a dimensão histórica.

Nesta controvérsia o aspecto mais importante é o problema da linguagem gestual. O seu veículo essencial é a mão; segundo Lévy-Bruhl a linguagem da mão é a mais antiga que encontramos. A este respeito Leroy é muito mais reservado. Não se limita a ver na linguagem gestual uma forma de expressão menos pitoresca que convencional. Afirma ainda que a sua extensão é para ele apenas uma consequência de circunstâncias secundárias, como a necessidade de se fazer compreender a grandes distâncias, além do alcance da voz, ou então, na caça, em presença da presa, a de se fazer ouvir sem ruído por um companheiro. Leroy insiste no facto de que a linguagem gestual não se encontra de modo nenhum por todo o lado e não pode servir por consequência de elo numa cadeia de elementos expressivos anteriores que conduziriam à

linguagem. Perante as afirmações de Lévy-Bruhl que parece de diversos modos ir demasiado longe, Leroy parece mais convincente. Não é exactamente isso que se passa se apresentarmos com Marr a exegese mais simples e mais sóbria: «De facto o homem primitivo, que não possuía nenhuma linguagem articulada, sentia-se feliz quando conseguia, de um modo ou outro, designar ou mostrar um objecto, e para esse efeito dispunha de um instrumento particular adaptado a esse fim, a mão, essa mão que distingue tão completamente o homem dos outros animais [...] a mão, ou as mãos, foram a língua dos homens. Movimentos da mão, um jogo de gestos e, em certos casos, movimentos do corpo, esgotavam os meios da criação linguística.»<sup>1</sup>

Daí Marr retira uma interpretação que pretende substituir os elementos imaginários da teoria de Lévy-Bruhl por elementos construtivos. Com efeito, para ele, é «totalmente impensável que a mão, antes que os utensílios a tenham substituído como produtores de bens materiais, tenha podido ser substituída como produtor de um valor espiritual, a linguagem, e que já então uma linguagem articulada tenha podido tomar o lugar da linguagem das mãos. O fundamento da criação da linguagem sonora só se poderia encontrar num qualquer processo de trabalho produtivo. Sem definir mais exactamente esse género de trabalho podemos já defender, de um modo muito geral, o princípio de que o próprio nascimento da linguagem articulada foi impossível antes da passagem da humanidade ao trabalho produtivo com a ajuda de instrumentos artificiais².

Os escritos de Marr tentaram introduzir em linguística uma série de ideias em grande parte desenraizadas. Como estas ideias têm, por um lado, demasiado alcance, para puderem ser ignoradas, mas, por outro lado, para que essa discussão possa

Nikolaus Marr, «Uber die Entstehung der Sprache» («Sobre a Origem da Linguagem»), in *Unter dem Banner des Marxismus*, Tomo I, p. 587-588.
2 Ibid., p. 593.

aqui ser feita bastará citar o esboço que delas dá Vendryès: «Esta teoria nasceu no Cáucaso cujas línguas Marr conhece melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Ele procurou classificá-las, determinar-lhes o parentesco. E, prosseguindo este trabalho fora do Cáucaso, julgou notar que estas línguas apresentavam afinidades muito sugestivas com o basco; concluiu desse facto que as línguas do Cáucaso confinadas em regiões montanhosas, pouco acessíveis às invasões, representavam hoje os restos isolados de uma família linguística que ocupava a Europa antes da chegada dos indo-europeus. Propôs que se desse a essa família o nome de jafético [...] desde tempos imemoriais as massas étnicas que falavam essas línguas terão formado uma cadeia contínua de tribos aparentadas desses Pirenéus até [...] às regiões mais longínquas da Ásia. Neste vasto domínio, as línguas jaféticas teriam procedido toda a fala indo-europeia [...] é imediatamente evidente o interesse de uma semelhante hipótese.»<sup>1</sup>

A teoria de Marr não dissimula de modo algum as suas ligações ao materialismo dialéctico. Decisiva a um tal aspecto é a sua tentativa para eliminar da linguística toda a referência aos conceitos da raça ou ao povo, em benefício de uma história da linguagem fundada nos movimentos das classes. Segundo ele, as línguas indo-europeias não são de uma certa raça, antes representando «o estado histórico de uma só e única língua pré-histórica [...] por todo o lado em que nasceu a língua indo-europeia o seu portador foi sempre uma classe determinada e dominante [...] e com ela, como uma classe dominante deste género, espalhou-se, segundo tudo indica, não uma língua indo-europeia concreta e acabada, ou uma língua original comum, que nunca existiu, mas uma nova formação tipológica da linguagem, que representa a passagem das línguas pré-

-históricas, jaféticas, para as línguas históricas, indo-europeias».1

Deste modo o que surge como essencial na vida da linguagem é a ligação do seu devir com certos grupos sociais, económicos, que estão na base de agrupamentos em estados e tribos. Torna-se impossível falar de línguas comuns a todo um povo no passado. É, pelo contrário, necessário observar as línguas tipologicamente diversas num único e mesmo conjunto nacional: «Resumindo, abandona-se a ciência e todo o terreno real quando se encara tal ou qual língua de uma civilização pretensamente nacional como se se tratasse da língua materna utilizada por toda a massa da população; a língua nacional como fenómeno antes dos estados e das classes é, à partida, uma ficção.<sup>2</sup>

Marr não se cansa de afirmar que a linguística corrente é pouco apta para explorar os problemas sociológicos que existem nas camadas oprimidas da população. De facto é notável constatar como a linguística, mesmo a mais recente, raramente se interessou pelo estudo do calão mesmo que numa perspectiva puramente filosófica. Prestou-se pouca atenção a uma obra que há cerca de uma vintena de anos tinha aberto uma via nesse sentido. Estamos a referir-nos ao Génio do Calão, de Alfredo Niceforo. Metodologicamente, a ideia de base do livro é a distinção entre o calão e a língua familiar da arraia miúda; o núcleo sociológico da obra consiste precisamente na caracterização desta língua: «A língua familiar do povo tem, num certo sentido, um carácter de classe de que se orgulha o grupo a quem esta língua pertence: ela é ao mesmo tempo uma das armas que o povo oprimido usa para atacar a classe dominante que quer substituir.

Justamente, mais do que sobre outros aspectos, é na expressão que aqui encontra o ódio que a língua do povo faz valer

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Jules Vendryès, «Chroniques», in Revue celtique, Tomo XLI, p. 291 sq.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Marr. op. cit., p. 593.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Ibid.*, p. 583.

toda a força do desafio que é capaz de reunir. Vitor Hugo dizia de Tácito que a sua língua era vitríolo. Mas numa única frase da linguagem falada pela arraia miúda não encontramos mais vitríolo e veneno que em toda a prosa de Tácito?»<sup>1</sup>

A linguagem familiar da arraia miúda aparece pois em Neciforo como um carácter de classe, como uma arma na luta de classes: «Do ponto de vista metodológico o seu carácter dominante consiste em procurar, por um lado, um deslocamento das imagens e das palavras para a expressividade material, por outro lado, na tendência para forçar transições de uma ideia a outra, de uma palavra para outra.<sup>2</sup>

Desde 1909 Raoul de la Grasserie<sup>3</sup> referia a tendência popular para preferir, para a expressão do abstracto, as imagens tiradas do mundo humano, animal, vegetal ou mesmo das coisas inanimadas. O progresso de Neciforo foi o de ter reconhecido a função do calão (tomando a palavra no seu sentido mais lato) como instrumento da luta de classes.

A linguística moderna encontrou um acesso mais mediatizado na sociologia dita «Palavras e coisas» introduzida por Rudolf Meringer, com a revista Wörter und Sachen que surge já há 16 anos. Os investigadores agrupados em volta de Meringer usam um método que se distingue por uma atenção particular às coisas que as palavras designam. O interesse tecnológico passa aqui muitas vezes para primeiro plano. Esta escola deu-nos inúmeros estudos linguísticos sobre a cultura dos solos e a produção do pão, sobre a fiação e a tecelagem, sobre o cruzamento e a criação de gado — para não mencionar aqui a não ser os processos económicos mais primitivos<sup>4</sup>.

Se o ponto de vista adoptado dizia inicialmente menos respeito à comunidade linguística que aos seus meios de produção, a passagem destes meios para esta comunidade parece contudo inevitável. Em conclusão, Jeringer escreve no seu estudo «Palavras e coisas marcham em conjunto [...] através da mediação das forças de trabalho que se transformam, a palavra pode também prosseguir o seu caminho separado da coisa. [...] Estas forças de trabalho que mudam, são em parte, foram-no já outrora, um facto tão importante na vida económica de outros países que com elas um certo número de expressões técnicas tinha necessariamente de passar de um país para outro. Todos os estudos consagrados à terminologia profissional da agricultura devem examinar de perto esta influência [...].

Com os trabalhadores não são apenas as palavras do seu país que emigram para o estrangeiro, mas as expressões estrangeiras que voltam com eles para o seu país.»<sup>1</sup>

Os objectos e os problemas que os trabalhos deste género estudam no seu aspecto histórico podem também ser reencontrados pela investigação na sua forma actual. Não apenas pelos meios da ciência, mas, de modo mais decisivo, pelos da *praxis*. Em primeiro plano surgem aqui os esforços que normalmente são imprimidos pelos técnicos particularmente interessados em eliminar todo o equívoco no seu vocabulário. Em 1900 a Associação de Engenheiros Alemães empreendeu a redacção de um vasto dicionário tecnológico. Em três anos

Sachen, app. 1, Heidelberg 1913.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Alfredo Niceforo. Le Génie de l'argot, Paris 1912, p. 74.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Raoul de la Grasserie, Des Parlers des différentes classes sociales.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Walther Gering, «Die Terminologie der Hanf — und Flachskultur in der franko-provenzalischen Mundarten» («A Terminologia da Cultura do Cânhamo e do Linho nos Dialectos Franco-Provençais»), Wörter und

Max Lohss, «Beiträge aus dem landwirtschaftlichen Wortschatz Württembergs» («Contribuições Tiradas do Vocabulário Agrícola de Vurtemberga»), ibid., app. 2, 1921.

Gustav Huber, «Os Nomes Dados ao Trenó e às suas Diferentes Partes nos Dialectos da Suíça Francesa», *ibid.*, app. 3, 1919.

Max Leopold Wagner, «Das ländliche Leben Sardiniens im Spiegel der Sprache» («A Vida Camponesa na Sardenha no Espelho da Linguagem»), ibid., app. 4. 1921.

<sup>1</sup> Gering, op. cit., p. 91 sq.

reuniram-se mais de 3 milhões e meio de fichas, mas «em 1907 a direcção calculou que seriam precisos quarenta anos para, ao mesmo ritmo de trabalho, terminar o dicionário. A iniciativa foi suspensa depois de ter recolhido meio milhão de termos<sup>1</sup>. Tinha-se constatado que para um dicionário tecnológico era preciso tomar por base as próprias matérias, numa ordem sistemática; a ordem alfabética é insuficiente para um objecto deste género. É preciso ainda assinalar que estes problemas novos, que se situam na fronteira da linguística, encontraram um lugar no mais recente esboço desta ciência. No seu estudo sobre a Linguagem na Estrutura da Civilização Total<sup>2</sup>, Leo Weisgerber actual director da Wörter und Sachen — debruçou-se de modo detalhado sobre as correlações entre a linguagem e a civilização material. Por outro lado, os esforços técnicos para normalizar o vocabulário correspondem à mais séria tentativa de constituição de uma linguagem internacional cuja árvore genealógica tem vários séculos. Esta árvore, por sua vez, sobretudo nos seus ramos logísticos, representa um objecto que mereceria também da parte da sociologia um estudo especial. Com a «Sociedade para uma filosofia empírica» o Círculo de Viena deu novos impulsos a uma tal logística. A este propósito Carnap acaba de nos fornecer importantes esclarecimentos<sup>3</sup>. O sociólogo que examina no seu conjunto a contribuição da logística é imediatamente impressionado por ver que ela se interessa exclusivamente pelas funções representativas dos signos. «Quando dizemos, escreve Carnap, que a sintaxe lógica trata a linguagem como um cálculo, isto não significa que a linguagem seja apenas um cálculo. Isso significa apenas que a sintaxe se limita ao

<sup>1</sup> E. Wüster, Internationale Sprachnormung in der Technik, Berlin 1931.

<sup>2</sup> Leo Weisgerber, «Die Sprache im Aufbau der Gesemtkültur», Wörter und Sachen, cap. 4, 1921.

tratamento do aspecto calculável, quer dizer, formal, da linguagem. Uma linguagem propriamente dita apresenta outros aspectos.»<sup>1</sup>

A logística considera como um cálculo a forma representativa da linguagem. O que a caracteriza é o facto de que, apesar de tudo, tem a pretensão de utilizar com justiça o seu nome de logística: «Segundo a concepção usual, sintaxe e lógica [...] seriam, no fundo, de uma espécie completamente diferente [...] Ao contrário das regras da sintaxe as da lógica não seriam formais. Contrariamente a esta concepção defender-se-á o ponto de vista de que a lógica, também ela, deve tratar as posições de modo formal. Veremos que as propriedades lógicas das proposições [...] só dependem da estrutura sintáctica dessas proposições [...] Entre regras sintácticas no sentido estrito e regras de inferência lógica não existe outra diferença a não ser a que se verifica também entre regras formais e regras de transformação; mas umas e outras usam exclusivamente determinações sintácticas.»<sup>2</sup>

De qualquer maneira a cadeia demonstrativa aqui enunciada não escolhe os seus termos na linguagem verbal. Carnap prefere trabalhar a sua «sintaxe lógica» por meio das linguagens ditas de coordenação entre as quais duas desempenham um papel central: a primeira — a linguagem da aritmética elementar — que apenas recorre a símbolos lógicos; a segunda — a linguagem das matemáticas clássicas — admitindo também signos descritivos. A representação destes dois cálculos forma a base da «sintaxe de qualquer linguagem» a qual coincide com a lógica universal da ciência. Nas reflexões sobre uma tal lógica considera-se a tradutibilidade em linguagem formal, por consequência em proposições sintácticas, como o «critério» que separa as proposições autenticamente científico-lógicas, por um

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Rudolf Carnap, «Logische Syntax der Sprache», in Schriften zur wissenschaftlichen Welttaufassung, editado por Philipp Frank e Moritz Schlick, vol. 8, Viena 1934.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Ibid.*, p. 1 sq.

lado, das proposições descritivas apresentadas pela ciência empírica, mas, por outro lado também de todas as outras «proposições filosóficas» — que se podem chamar metafísicas: «As proposições da lógica científica [...] são formuladas como proposições sintácticas; mas nem por isso se abre um qualquer domínio novo. Pois as proposições da sintaxe são proposições de aritmética ou proposições da física que só podem ser chamadas proposições sintácticas porque são referidas a formulações linguísticas. Uma pura sintaxe descritiva não é mais do que uma matemática e uma física da linguagem.» 1

À divisão assim definida da filosofia-em lógica científica e em metafísica pertence como complemento uma outra determinação apresentada pelos lógicos: «As pretensas proposições da metafísica [...] são pseudoproposições; elas não têm nenhum conteúdo teorético.»<sup>2</sup>

Os lógicos não foram os primeiros a debater a sintaxe lógica da linguagem. Antes deles Husserl tinha feito uma primeira tentativa, depois, ao mesmo tempo que eles, escreveu um segundo ensaio para esclarecer estes problemas<sup>3</sup>. Aquilo a que Husserl chama «gramática pura» é designado por «sematologia» por Bühler numa obra fundamental que de diversos modos se relaciona com Husserl. O problema desta sematologia exige «que se relacionem os axiomas [...] que devem ser obtidos por redução a partir [...] a partir do estado das investigações linguísticas que obtiveram resultados. D. Hilbert chama a este processo pensamento axiomático e reclama-o [...] para todas as ciências.»<sup>4</sup> Se o interesse axiomático de Bühler remete em última análise para Husserl, no início do livro ele cita como mestres de «investigações linguísticas que obtiveram

resultados», Hermann Paul e Ferdinand de Saussure. Do primeiro ele retira a ideia do apoio que poderia encontrar até o mais importante dos empíricos num fundamento da linguística mais próximo dos factos que aquele que Paul conseguiu alcançar; o seu ensaio para reduzir este fundamento à física e à psicologia pertence a uma época ultrapassada. A referência a Saussure visa menos uma distinção fundamental entre linguística da palavra e linguística da língua que o seu «lamento metodológico»: «Ele sabe que a linguística constitui o núcleo de uma sematologia universal. [...] Mas desta ideia libertadora ele não é capaz de tirar a força suficiente para [...] explicar que os factos que se encontram no início da linguística não são nem físicos, nem fisiológicos, nem psicológicos, mas exclusivamente linguísticos.»<sup>1</sup>

Para evidenciar estes factos, Bühler constrói um «modelo instrumental da linguagem», com o qual, contra o individualismo e o psicologismo dos ultimos séculos, retoma a concepção objectiva da linguagem que tinha sido fundada por Platão e Aristóteles e que corresponde em ampla medida aos interesses da Sociologia. Ele atribui ao modelo instrumental da linguagem as três funções originais da informação, de desencadeamento da acção e de representação. Estes termos encontram-se no seu trabalho de 1918 sobre a proposição<sup>2</sup>. Na sua nova Teoria da Linguagem, ele substitui-os pelos de expressão, apelo e representação. A obra está centrada no exame do terceiro factor: «Há uma geração, Wundt situava a linguagem articulada dos homens entre tudo aquilo que permite aos animais e aos homens exprimir-se. [...] Quem quer que tenha podido chegar a compreender que expresão e representação correspondem a estruturas diferentes depara [...] com a tarefa de empreender um se-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> *Ibid.*, p. 210.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Ibid., p. 204.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Edmund Husserl, Logische Untersuchungen, tomo II, Halle 1901. — Meditações Cartesianas.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Bühler, Sprachtheorie, p. 20.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>*Ibid.*, p. 9.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Bühler, «Kritische Musterung der neueren Theorien des Satzes», («Exame Crítico das Teorias Modernas da Proposição»), *Indogermanisches Jahrbuch*, editado por Streitberg, 1918.

gundo exame comparativo para situar a linguagem entre tudo o que é chamado, tal como ela, a desempenhar um papel de representação<sup>1</sup>.»

Antes de analisarmos o conceito fundamental a que esta investigação conduz Bühler, interroguemo-nos sobre o que significa, no seu modelo instrumental, o conceito de desencadeamento ou o conceito de apelo.

Bühler segue aqui Brugmann², que se atribuira a si próprio a tarefa de valorizar, em analogia com os géneros de acção que se podem distinguir no verbo, os géneros de mostração cuja diversidade se exprime nos pronomes demonstrativos. Seguindo uma tal indicação, Bühler atribuía à função de desencadeamento, de apelo ou de sinal um domínio próprio que designa como campo da mostração. Não podemos resumir aqui o modo como ele define o centro através das marcas do «aqui», do «agora» e do «eu», e como segue a marcha da linguagem desde o objecto real da indicação até à «deixis³ do fantasma». Contentemo-nos em sublinhar que «o índice, instrumento natural da «demonstratio ad oculos⁴, é substituído por outros meios de demonstração. [...] No entanto a ajuda que ele e os seus equivalentes podem fornecer nunca poderá ser inteiramente eliminada».5

Mas por outro lado existe razão para delimitar o seu alcance: «Aqui e ali, escreve Bühler, reencontramos um mito moderno sobre a origem da linguagem que [...] assume o tema dos termos demonstrativos de um modo tal [...] que eles surgem pura e simplesmente como os termos originais da linguagem hu-

mana. [...] Ora é preciso sublinhar que *deixis* e denominação são classes verbais nitidamente distintas; e que, por exemplo, em indo-germânico não tem fundamento admitir que uma deriva da outra. [...] Os termos demonstrativos e os termos denominativos devem ser separados, e nenhuma especulação sobre as origens permite suprimir uma tal distinção.»<sup>1</sup>

Tal como sucede com a teoria dos termos demonstrativos, a teoria bühleriana dos termos denominativos é uma teoria de campo: «Os termos denominativos funcionam como símbolos e recebem o seu significado específico [...] num contexto sistemático. Neste livro expõe-se uma teoria de duplo campo.»<sup>2</sup> O menos importante do livro não é certamente a fecundidade particular que revelam para a investigação histórica as categorias apresentadas com um objectivo metodológico. É o maior processo da história da linguagem que encontra a sua perspectiva em tais campos: «No grande processo de desenvolvimento da linguagem humana podemos representar como elemento primeiro a classificação sistemática dos apelos mostrativos. Mas um dia surgiu a necessidade de incluir aí uma relação com os objectos ausentes, o que significou a libertação da expressão em relação aos seus laços com a situação. [...] Assim a expresão linguística começa a escapar ao campo mostrativo da demonstratio ad oculos.»3

Mais exactamente na medida em que «expressões linguísticas se libertam, de acordo com o seu conteúdo representativo, dos elementos da situação linguística concreta, submetem os signos linguísticos a uma ordem nova, e recebem os seus valores de campo no campo dos símbolos».<sup>4</sup>

A emancipação da descrição linguística em relação a toda a situação linguística dada é a perspectiva adoptada pelo autor

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Bühler, Sprachtheorie, p. 150.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Karl Brugmann, «Die demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen», («Os Pronomes Demonstrativos das Línguas Indo-Germânicas»), Abhandlungen der Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften, XXII, Dresda 1904.

<sup>3 «</sup>Mostração».

<sup>4 «</sup>Acção de colocar sobre os olhos».

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Bühler, Sprachtheorie, p. 80.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Ibid., p. 86 sq.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> *Ibid.*, p. 379.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ibid., p. 372.

para procurar obter uma perspectiva unitária da linguagem. Rompe com a reserva ostentatória que a tal respeito domina a escola francesa (basta pensar, por exemplo, em Delacroix). Espera-se com interesse o «mito» moderno sobre a origem da linguagem que ele anuncia para um futuro muito próximo a partir dos conhecimentos obtidos pela sua teoria linguística. Se as investigações que acabamos de invocar se inscrevem, de um modo ou de outro, no quadro de uma ciência progressista da sociedade, é evidente que nas circunstâncias actuais as tendências retrógradas procuram igualmente afirmar-se. Será um simples acaso que, em sociologia da linguagem, elas raramente tentem a sua sorte? Não podemos tomar aqui uma posição definitiva nessa matéria mas é inegável que existem afinidades electivas entre certas disciplinas científicas e certas atitudes políticas. Há poucos fanáticos do racismo entre os matemáticos. E, no outro pólo do universo científico, a atitude conservadora, muito frequente, parece o mais das vezes ligada a esse distanciamento distinto de que a dignidade humana marcou de modo tão sugestivo os irmãos Grimm. Nem uma obra como a de Schmidt-Rohr, a Linguagem Como Formadora dos Povos<sup>1</sup>, pôde escapar inteiramente a essa tradição, ainda que esteja tão próximo quanto possível dos modos de pensamento nacionalistas. O autor dividiu a sua obra em duas secções, a primeira intitulada, «O ser», a segunda «O dever ser». Isso não impede que a atitude da segunda, cuja exigência se resume nesta frase: «O povo» — quer dizer, dado natural — «deve tornar-se nação» — quer dizer, unidade de cultura fundada sobre a língua —, influa de modo persistente na primeira. E isso sob a forma desse irracionalismo que é regra na literatura de orientação nacionalista. O autor está imbuído por uma filosofia voluntarista da linguagem, em que intervêm, como salvadores, o livre arbítrio e o destino, antes mesmo do conhecimento, obtido

a partir do estudo histórico da vida da linguagem, o preparar para as tarefas duma verdadeira filosofia da linguagem. A análise comparativa do vocabulário das diversas línguas fornecem uma base demasiado estreita para os temas universais que o autor se propôs abordar. É por isso que ele não consegue elevar as suas perspectivas de conjunto até esse nível da realidade concreta que encontramos nos melhores trabalhos que surgem nos arquivos da Wörter und Sachen. Para caracterizar os limites do seu saber, não apenas no domínio da sociologia, mas também no da teoria da linguagem, para constatar que Schmidt--Rohr aprendeu sem dúvida alguma coisa de Humboldt, mas que nada aprendeu de Herder, basta citar-lhe a seguinte frase: «No corpo, no povo, realiza-se uma vida mais elevada que na célula individual. É por isso que, de facto, a humanidade não é mais do que a soma de todos os povos, se se quiser de todos os homens, mas não no sentido de uma totalidade. A humanidade é essencialmente um conceito linguístico, um conceito linguístico que tem o seu significado para a economia do pensamento, um conceito linguístico que permite abranger o conjunto dos homens e o seu carácter próprio e distingui-lo do reino animal, da animalidade.»

Especulações de malhas tão largas perdem muito do seu alcance quando se estudam particularmente domínios estritamente definidos. Um autor como Schmidt-Rohr classifica-se muito menos no pelotão da frente dos investigadores contemporâneos do que Köhler ou Bühler com os seus trabalhos especializados sobre a linguagem dos chimpanzés. Porque estes estudos servem, de modo sem dúvida indirecto, mas decisivo, para resolver os problemas capitais da linguística. Tanto a antiga questão da origem da linguagem como a nova questão da sua relação com o pensamento. É mérito particular de Wygotski ter apresentado o resultado destas investigações sobre os chimpanzés na sua significação quanto aos princípios de base da linguística. Podemos relacioná-los imediatamente com a

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Georg Schmidt-Rohr, Die Sprache als Bildnerin der Völker, Iena 1932.

teoria de Marr segundo a qual o domínio dos instrumentos precede necessariamente o da linguagem. Como a primeira não é possível sem o pensamento, deve existir uma espécie de pensamento anterior à linguagem. De facto, este pensamento foi recentemente considerado de diferentes modos; Bühler chamou-lhe pensamento instrumental. O pensamento instrumental é independente da linguagem. Manifesta-se nos chimpanzés sobre uma forma relativamento desenvolvida — os pormenores podem ser encontrados em Köhler<sup>1</sup>. «A presença de um intelecto análogo ao do homem quando falta ao mesmo tempo uma linguagem que tenha ao menos uma certa analogia com a do homem, e a independência das operações intelectuais [...] em relação à sua linguagem<sup>2</sup>» — eis a mais importante das conclusões que Köhler retira dos seus chimpanzés. Se a linha de inteligência mais primitiva — o pensamento instrumental — vai assim dos mais simples meios improvisados da informação até à produção do utensílio, o qual, segundo Marr, liberta a mão para as tarefas linguísticas, então a este estudo do intelecto corresponde por outro lado um estudo do poder de expressão gestual ou acústica, mas que, enquanto pré-linguístico, se mantém integralmente ao nível dos comportamentos reactivos. É precisamente a independência das mais antigas pulsões «linguísticas» relativas à inteligência que leva a ultrapassar o domínio da linguagem dos chimpanzés para considerar o domínio mais vasto da linguagem dos animais em geral. Não se pode duvidar mais que a função emotivo-reactiva da linguagem, aquela que tratamos especialmente aqui, «pertence às formas biologicamente mais antigas de mando estando geneticamente aparentada com os sinais ópticos e sonoros dos

chefes nas hordas animais».¹ O resultado destas reflexões é a fixação do ponto geométrico em que a linguagem encontra a sua origem na intersecção de uma coordenação inteligente e de uma coordenação gestual (manual ou sonora).

A questão da origem da linguagem tem o seu correspondente ontogenético no domínio da linguagem infantil. Esta última pode de resto esclarecer os problemas filogenéticos, e Delacroix utilizou-a nesse sentido no seu trabalho No Limiar da Linguagem. O especialista inglês de chimpanzés, Yerkes, pensava que o chimpanzé poderia falar se, além do seu grau de inteligência, fosse dotado de um instinto audiomotor de imitação como o que conhecemos nos papagaios. Delacroix critica esta interpretação referindo-se à psicologia da linguagem infantil: «A crianca não aprende a falar a não ser porque vive num universo linguístico e porque ouve falar a toda a hora. A aquisição da linguagem supõe um estímulo prolongado e constante. Tem por condição a sociedade humana. Além disso, a criança corresponde largamente a uma tal condição. Não aprende apenas a língua que fala, mas também qualquer outra que se fale na sua presença [...] aprende em sociedade e aprende só. Na experiência de Yerkes faltam essas condições. [...] E, se o seu animal, que por vezes vive num meio humano, permanece, contrariamente à criança indiferente aos sons que os homens fazem ouvir na sua presença, e se ele não faz de modo algum a aprendizagem da linguagem só e silenciosamente, é porque há razões para isso.»

Resumindo: «O sentido do ouvido é, no homem, um sentido intelectual e social fundado num sentido puramente físico. O mais vasto domínio ao qual se refere o sentido do ouvido é representado no homem pelo mundo das relações sociais.»

E o autor acrescenta esta afirmação plena de ensinamentos: «É por isso que o sentido do ouvido está particularmente ex-

<sup>1</sup> Wilhelm Köhler, Intelligenzprüfungen an Menschenaffen («Experiências sobre a Inteligência dos Macacos Superiores»), Berlim 1921.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> L.S. Wygotski, «Die genetischen Wurzeln des Denkens und der Sprache» («As Raízes Genéticas do Pensamento e da Linguagem»), Unter dem Banner des Marxismus, III, p. 454.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> *Ibid.*, p. 465.

posto aos efeitos do delírio de relação.»<sup>1</sup> Em consequência, a reacção audiomotora, que está na base da aquisição da linguagem no homem, é fundamentalmente diferente da que existe nos papagaios. É socialmente orientada e visa antes do mais que o locutor seja compreendido<sup>2</sup>. Humboldt ligava já a aptidão para articular os sons a este projecto de ser compreendido.

Graças aos trabalhos de Piaget<sup>3</sup>, a compreensão da linguagem das crianças progrediu, nos últimos anos, de um modo decisivo. As investigações prudentes e prolongadas que ele empreendeu sobre a psicologia linguística das crianças obtiveram importantes resultados para esclarecer uma série de questões controversas. Não é possível fazer mais que uma alusão breve aos desenvolvimentos feitos por Weisgerber, no seu estudo acima citado, em que explora as investigações de Piaget contra a mitologia da linguagem defendida por Cassirer<sup>4</sup>. No contexto actual, é sobretudo necessário ter em conta tudo o que diz Piaget em relação ao carácter egocêntrico da linguagem infantil. Esta linguagem move-se em dois caminhos diferentes. Existe por um lado como linguagem socializada, e, por outro, como linguagem egocêntrica. Esta última não é linguagem no sentido estrito a não ser para aquele que a fala; não possui nenhuma função de comunicação. As experiência de Piaget mostram que, na sua literalidade estenográfica, permanece incompreensível enquanto ignoramos as circunstâncias que lhe deram origem. Mas esta função egocêntrica não deve ser encarada fora de uma relação estreita com o processo do pensamento. É isso que é revelado pelo facto significativo dela surgir quase sempre que um comportamento é perturbado, quando os obstáculos se opõem à execução de uma tarefa. Wygotski que empreendeu experiências análogas às de Piaget tira de tal facto importantes conclusões: «As nossas investigações, diz ele, mostraram-nos que em caso de dificuldade o coeficiente da linguagem egocêntrica atinge quase o dobro do coeficiente normal de Piaget. De cada vez que encontraram uma dificuldade, as nossas crianças mostraram um aumento da linguagem egocêntrica. [...] É por isso que consideramos adquirido que, quando uma ocupação se desenvolve regularmente e em seguida se torna difícil ou é interrompida, isso é um importante factor de produção da linguagem egocêntrica. [...] O pensamento só entra em acção quando é interrompida uma actividade que se desenvolvia até então sem qualquer perturbação.»<sup>1</sup>

Por outras palavras, a linguagem egocêntrica ocupa na infância o exacto lugar que é reservado mais tarde ao processo do pensamento propriamente dito. É o precursor, digamos mesmo, o preceptor do pensamento: «A criança aprende a sintaxe da linguagem antes da do pensamento. As investigações de Piaget mostraram indubitavelmente que o desenvolvimento gramatical da criança precede o seu desenvolvimento lógico.»<sup>2</sup>

Estas constatações impõem a correcção parcial das primeiras tentativas behavioristas para resolver o problema da «linguagem e pensamento». Esforçando-se por construir uma teoria do pensamento no quadro da sua doutrina de comportamento, os behavioristas abordaram, como era previsível, o facto de falar, mas sem terem obtido até agora resultados verdadeiramente novos; no essencial, contentaram-se em adoptar as teorias contestadas de Lazarus Geiger, de Max Müller e de outros que tendem a fazer do pensamento um «discurso interior» — um discurso consistiria num mínimo de inervação do

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Henri Delacroix, «Au seuil du langage», in *Psychologie du langage*, Paris 1933, p. 14-15.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Jean Piaget, Le Langage et la Pensée chez l'enfant. Le Jugement et le Raisonnement chez l'enfant, Neuchâtel, 1923.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Weisgerber, op. cit., p. 32.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Wygotski, op. cit., p. 612.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Ibid.*, p. 614.

aparelho de articulação, que só dificilmente seria possível observar e isso com a ajuda de instrumentos de medida particularmente exactos. A partir da teoria segundo a qual o pensamento não é objectivamente mais do que uma fala interior, Watson teve a ideia de procurar um intermediário entre linguagem e pensamento. Viu esse intermediário no «balbuciar». Wygotski mostrou, pelo contrário, que tudo o que nós sabemos do balbuciar das crianças nos interdita de tirar a conclusão de que «representa um processo de passagem entre linguagem exterior e linguagem interior». Vê-se em que sentido é preciso corrigir a teoria behaviorista a partir das investigações sobre a linguagem egocêntrica das crianças. Diga-se de passagem que Bühler iniciou recentemente com o behaviorismo uma discussão que contém numerosos ensinamentos<sup>2</sup>. Apoiando-se no estudo de Tolman, Comportamento Intencional nos Animais e nos Homens<sup>3</sup>, conclui que na origem da linguagem, e para lá dos estímulos, é preciso atribuir ao sinal um papel igualmente decisivo. Deste modo a reflexão improvisada sobre os fenómenos fonéticos não leva Watson muito longe. Em contrapartida, podemos tirar desta reflexão conclusões de um grande alcance se procedermos de modo metódico. Tal foi o caso de Richard Paget. Este investigador parte de uma definição da linguagem à primeira vista muito surpreendente. Ele considera-a como uma gesticulação de instrumentos linguísticos. O que na sua concepção está primeiro é o gesto, não o som. E o gesto não é alterado quando se reforça o som. Na maior parte das línguas europeias, tal como nas línguas indianas, pode dizer-se quase tudo num tom de balbuceio sem por isso deixar de se ser compreendido: «Para que aquilo que é dito seja compreendido não é de modo algum necessário que intervenha o mecanismo da

laringe, nem o choque do ar nas caixas de ressonância do palato, da boca ou do nariz, como acontece quando se fala em voz alta.»<sup>1</sup>

Segundo Paget o elemento fonético está baseado num elemento mímico-gestual. A obra do jesuíta Marcel Jousse, que chega, por sua vez, a resultados análogos, revela até que ponto a intuição de Paget o colocou no próprio centro da investigação actual: «Este som característico² não é necessariamente uma onomatopeia, como muitas vezes se repetiu. Antes de mais o som vem completar o significado de tal ou qual gesto mímico. Mas não é mais do que um acompanhamento, um coadjuvante audível de uma mímica visível e totalmente expressiva por si.

Pouco a pouco todos os gestos característicos são acompanhados de um som. Como este gesto laringo-bocal sonoro, embora muito menos expressivo, se revela menos dispendioso e exige menos energia que o gesto corporal ou mesmo manual, acaba pouco a pouco a predominar. [...]

Contudo as fases de um gesto proposicional manual, transpondo-se nas fases correspondentes de um gesto proposicional laringo-bucal, podem preservar muito tempo intacto o sentido concreto do original.

Daí a imensa importância psicológica de investigar o sentido primeiro daquilo que se chamou até agora "raízes". Estas raízes seriam muito simplesmente as transposições sonoras de antigos gestos mímicos espontâneos.»<sup>3</sup>

A este respeito, as experiências actualmente desenvolvidas por Bühler sobre o comportamento linguístico de três crianças prometem fornecer importantes resultados; permitiram-lhe já

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> *Ibid.*, p. 609.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Bühler, Sprachtheorie, p. 38.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> E. C. Tolman, *Purposive Behavior in Animals and Men*, Nova Iorque, 1932.

<sup>1</sup> Richard Paget, Nature et Origine du langage humain, Paris 1925, p. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Este «som característico do ser e da acção» que «o homem espontâneo [...] não pode impedir-se de utilizar de tempos a tempos», o «gesto», corresponde «a uma tendência imperiosa para mimar».

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Fréderic Lefèvre, Marcel Jousse, Une nouvelle psychologie du langage (Colecção «Les Cahiers d'Occident», I, 10, p. 77). Paris 1926.

afirmar que «a *tô-deixis*¹» de Brugmann é efectivamente assumida pelos dentais.»² Podemos comparar isso com o que afirma Paget: «O sorriso inaudível tornou-se um "haha" pronunciado ou balbuciado, o gesto de comer tornou-se um "mnya, mnya" perceptível (balbuciado), o gesto de engolir pequenas quantidades de líquidos tornou-se o antepassado da nossa palavra "sopa"! Surge finalmente a importante descoberta de que as guturais de gritos ou de grunhidos podem associar-se ao movimento da boca, e que, ligado a um som gutural, a linguagem balbuciada se tornou dez a vinte vezes mais perceptível e mais compreensível.»³

Assim, segundo Paget, a articulação como gesto do aparelho linguístico relaciona-se com o conjunto da mímica do corpo. O seu elemento fonético é portador de uma comunicação cujo substrato original era uma gesticulação expressiva.

Com as interpretações de Paget e de Jousse, opõe-se à velha teoria onomatopaica, que podemos considerar como mimética no sentido estrito, uma teoria mimética num sentido muito mais lato. É um grande arco que a teoria da linguagem descreve desde as especulações metafísicas de Platão até aos testemunhos dos Modernos: «Em que é que consiste então a verdadeira natureza da linguagem falada? A resposta, pressentida por Platão, [...] anunciada pelo abade Sabatier de Castre, formulada pelo doutor J. Rae, de Honolulu, em 1862, retomada em 1895 por Alfred Russel Wallace e aceite finalmente pelo autor do presente trabalho, é que a linguagem falada é apenas uma forma de um instinto animal fundamental: o instinto de um movimento expressivo mimético através do corpo.»<sup>4</sup>

A isto podemos acrescentar uma palavra de Mallarmé, que

pode servir de motivo para A Alma e a Dança de Valéry: «...a dançarina não é uma mulher [que dança, pelos motivos justapostos pelos quais ela não é uma mulher], mas uma metáfora resumindo os aspectos elementares da nossa forma: luta, golpe, flor, etc. [e que ela não dança, sugerindo pelo prodígio de uma síntese ou de impulsos, com uma escrita corporal, aquilo que necessitaria de parágrafos em prosa dialogada, ou descritiva, para se exprimir, em termos de redacção: poema libertado de todo o aparelho de escriba].»<sup>1</sup>

Com uma intuição que vê assim, num único e mesmo poder mimético, as raízes da expressão falada e da expressão dançada, franqueamos o limiar de uma fisiognomonia linguística que, em alcance e dignidade científica, ultrapassa de longe os primitivos ensaios onomatopaístas. Basta lembrar aqui a obra graças à qual estes problemas receberam até agora a sua forma mais elaborada, as Questões Fundamentais da Fisiogonomia Linguística de Heinz Werner<sup>2</sup>. O autor mostra aí que os meios de expressão da linguagem são tão inesgotáveis como a sua faculdade de representação. Foi também nessa mesma direcção que trabalhou Rudolf Leonhard3. Este fonético fisiognomónico abre igualmente perspectivas sobre o futuro desenvolvimento linguístico: «É um facto notável, e que indica com que extraordinária lentidão se produz a evolução humana, que o homem civilizado não tenha ainda renunciado a utilizar os movimentos da cabeça e das mãos como meios de expressão do seu pensamento. [...] Quando é que aprenderemos a utilizar esse admirável instrumento que é a voz com tanta arte e razão que possamos dispor de uma série de sons tendo a mesma riqueza e perfeição? É certo que nós não fizemos ainda uma tal aprendi-

<sup>1 «</sup>Mostração para qualquer coisa.»

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Bühler, *Sprachtheorie*, p. 219.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Paget, op. cit., p. 12 sq.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Richard Paget, «L'Evolution du langage», in *Psychologie du langage*, Paris 1933, p. 93.

<sup>1 «</sup>Ballets», in *Crayonné au Théâtre*, *Divagations* p. 173. — Restabelecemos o texto completo de Mallarmé, e os seus itálicos, pondo entre parênteses as partes que não figuram na tradução dada por Benjamin.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Heinz Werner, Grundfragen der Sprachphysiognomonik, Leipzig 1932.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Rudolf Leonhard, Das Wort («A Palavra»), Berlin-Charlottenburg.

zagem. [...] Todas as produções da literatura e da eloquência não passaram até agora de formas elegantes, engenhosas, elementos linguísticos formais ou fonéticos que, por seu lado, são completamente selvagens e incultos, tal como se formaram de modo natural sem nenhuma acção consciente da humanidade.»<sup>1</sup>

Esta visão sobre as regiões em que a sociologia da linguagem poderá ajudar a compreender, não apenas a linguagem mas também as suas mudanças, pode servir de conclusão a esta perspectiva. Além disso é sabido que com tentativas como as de Paget, a sociologia da linguagem reencontra antigas e importantes tendências. Desde sempre os esforcos de aproveitamento técnico da linguagem se concretizaram nos projectos de uma língua universal. Na Alemanha, Leibniz é o mais célebre dos seus representantes; em Inglaterra estes projectos remontam a Bacon. O que caracteriza Paget, é a vastidão da perspectiva com que considera o desenvolvimento de todas as energias linguísticas. Se outros negligenciaram para além da função semântica da linguagem o seu carácter imanente de expressão, as suas forças fisiogonomónicas, aos olhos de Paget, este carácter e estas forças, não menos que aquela função, parecem dignos e capazes de um desenvolvimento ulterior. Ele volta assim a dar um lugar de honra a esta antiga verdade de que, recentemente, Goldstein foi o primeiro a dar uma formulação tanto mais impressionante quanto ele a encontrou, no desenrolar de uma investigação indutiva, no seu domínio muito especializado. A linguagem do paciente atingido de afasia é a seus olhos o modelo mais instrutivo de uma linguagem não instrumental: «Não poderíamos, diz ele, encontrar melhor exemplo para mostrar como é falso considerar a linguagem como um instrumento. O que nós vimos é a aparição da linguagem nos casos onde ela não tem

senão valor de instrumento. Mesmo no homem normal, pode acontecer que a linguagem apenas seja utilizada como instrumento. [...] Mas esta função instrumental supõe que, no seu princípio, a linguagem representa qualquer coisa de completamente diferente, como ela representou qualquer coisa de completamente diferente para o doente, antes da sua doença. [...] A partir do momento em que o homem usa a linguagem para estabelecer uma relação viva com ele próprio ou com os seus semelhantes, a linguagem já não é um instrumento, não é um meio; é uma manifestação, uma revelação da nossa essência mais íntima e do laço psicológico que nos liga a nós próprios e aos nossos semelhantes.»<sup>1</sup>

Explícita ou tacitamente, um tal ponto de vista está no início de toda a sociologia da linguagem.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Paget, Nature et Origine, p. 14 sq.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Kurt Goldstein, «L'analyse de l'aphasie et l'étude de l'essence du langage», in Psychologie du langage, Paris 1933, p. 495-496.